

Artigo de atualização | Update

Pode a Bíblia ser lida como um tratado de salutogênese?

Can the Bible be read as a treatise on salutogenesis?

Sergio Ariel Grines¹

¹Médico antroposófico e homeopata

Endereço para correspondência:
De la Vidalita 50, C.P. 1713, Villa
Udaondo, Ituzaingó, Província
de Buenos Aires, Argentina.
Endereço eletrônico: sergio.grines@
salutogenesis.com.ar

Palavras-chave: Salutogênese;
antroposofia; Bíblia; sabedoria
bíblica.

Key words: Salutogenesis;
anthroposophy; Bible; biblical
wisdom.

RESUMO

Partindo de uma análise estrutural e morfológica da Bíblia original hebraica, e considerando as letras como arquétipos universais, o autor toma como modelo as primeiras três letras do texto, desenvolvendo seu significado oculto. Depois de ampliar estes conteúdos com o ponto de vista antroposófico, fica aberto o caminho que direciona estes conhecimentos para a salutogênese. Todo o conteúdo está orientado para a necessária religação do ser humano com sua origem e com o sentido espiritual da vida.

ABSTRACT

Starting from a structural and morphological analysis of the original Hebrew Bible, and considering the letters as universal archetypes, the author takes the first three letters of the text as model, and he unveils their hidden meanings. After expanding these contents with the anthroposophic point of view, this knowledge can be conducted to salutogenesis. All the content is oriented to the necessary reconnection of the human beings with their origin and with the spiritual sense of life.

INTRODUÇÃO

A simples leitura de um ‘tratado de salutogênese’ deveria reverberar em consonância com o processo salutogênico de quem o lê. Semelhante à ação de uma substância da natureza sobre o organismo humano, capaz de favorecer equilíbrios internos, assim deveria atuar a palavra escrita no mesmo tratado. Substância da natureza e organismo humano compartilham um passado primordial comum, foram criadas a partir das mesmas leis arquetípicas, das mesmas forças formativas. Introduzir um elemento natural apropriado no organismo é incorporar uma ‘memória’ de tais arquétipos criados que em um passado configuraram tais elementos.

Um ‘tratado de salutogênese’, então, deveria estar escrito a partir dessas mesmas leis arquetípicas. Sua conformação estrutural deveria guardar em seu seio, como testemunho, a recordação de tais forças plasmadoras originais, resguardando intrinsecamente seu parentesco indissolúvel com as leis ontológicas da Terra, do Universo e do ser humano. Isto é algo muito pretencioso para um livro escrito por uma pessoa, porém talvez seja o sentido dos livros sagrados, que ao longo da história da humanidade têm acompanhado o ser humano; entre estes, encontramos aqueles que, conservando a origem da palavra, transcenderam os tempos. Por exemplo, os livros dos princípios universais

– chamado Tao Te King pelos chineses, os da ciência divina – chamados Vedas pelos hindus, ou o Pentateuco – chamado Torá pelos hebreus.¹ Todos eles sofreram transformações ao longo da história. Todos foram traduzidos a diversos idiomas que existem no planeta.

Este artigo forma parte de um trabalho de investigação baseado em uma análise da Bíblia (Antigo e Novo Testamento), no original hebreu, considerando suas letras como os componentes puros, a ‘matéria prima’, manifestação da essência espiritual arquetípica. De maneira similar aos hieróglifos escritos nas paredes dos templos de culturas ancestrais, e que ficaram ali como memória de um passado primordial, assim a palavra plasmada na Bíblia será considerada aqui como um hieróglifo. Segundo Steiner, “as leis da natureza física e etérica, são hieróglifos do mundo espiritual, e só se compreendem se como tais se concebem”.²

Encontrar na Bíblia, livro legado ao ser humano como testemunho do eterno, as referidas leis, é um convite a recuperar, através do pensar, o sentido de ligação com a própria origem espiritual, com as ideias, os pensamentos divinos que plasmaram a criação; redescobrir, no sentir, a certeza da divindade imanente no próprio ser, na harmonia e no equilíbrio do centro; e reconhecer na própria vontade a possibilidade de continuar a obra da criação. Eis aí a salutogênese!

A BÍBLIA COMO HIERÓGLIFO

Aproximando-se da Bíblia em seu idioma original em busca de verdades ocultas, confrontamo-nos com o mistério do ‘verbo criador’. Se assumirmos, a priori, que a palavra escrita é consequência e não causa, seremos convidados a refazer um caminho, aquele que nos diz que a palavra foi plasmada em um devir de letras combinadas de uma maneira particular, única, em uma dança harmônica da qual apenas conhecemos o final: o testemunho escrito do mito e da história do desenvolvimento cósmico-terreno. Mito e história plasmados na palavra escrita são o conhecido, o conhecível. As letras, por sua vez, são a matéria prima, representantes puros do mundo espiritual, pois antes de coagular, de precipitar, para formar a palavra, se encontram ainda em um estado processual, vivo, embrionário.

Porém, como refazer esse caminho? Como resgatar das palavras (e das imagens, sons, relatos e lendas que nos transmitem) aquela força original, genésica, puro impulso criador, energia primordial, resignificando o valor intrínseco de cada letra por si mesma?

Tentaremos fazer uma viagem retrospectiva até as primeiras três letras da Bíblia, como um esforço por deter esse instante misterioso e secreto de onde o puramente espiritual começa a se manifestar, a criar for-

ma, a plasmar, a ordenar. As letras, pura energia em movimento, constituem o veículo criador. São elas que com suas qualidades próprias nos irão desvendando o mistério.

Escreveu Steiner:³

Nós dizemos ‘A’. A língua grega foi a última que disse ‘Alfa’. Remontem ao hebreu: *Alef*. Ali o fonema, como tal, possuía um nome; o fonema era algo dotado de essência. Quanto mais distante remontamos na linguagem, mais o fonema adquire essência.

Estas letras hebreias (cada uma delas manifestação arquetípica do verbo criador) são também números, ordem matemática. Sua combinação, portanto, é um vínculo de cifras que nos mostram relações, proporções, somas. Ir até as letras é ir também até a assinatura dos números. Começamos, então, esta viagem.

ANÁLISE ‘HIEROGLÍFICA’ E NUMÉRICA DAS PRIMEIRAS TRÊS LETRAS DA BÍBLIA

A PRIMEIRA LETRA

Nossa viagem retrospectiva detém sua marcha no início do caminho, isto é, na primeira letra da palavra *BeRESHIT*, início da Bíblia, a letra *Bet* (ב).⁴ A Figura 1 traz o início do primeiro livro da Bíblia.



Figura 1. Texto do Gênesis em hebreu. “No princípio criou Deus os céus e a terra...” “Lê-se da direita para a esquerda. Pode se observar a primeira letra *Bet* (ב) com um tamanho maior.

Seu tamanho maior no texto original não se deve por ser o início da frase, mas a uma hierarquização de seu poder. Os sábios antigos a denominavam “a grande *Bet*”.⁵ Sua missão é iniciar o relato da criação e segundo o Zohar (livro do esplendor, texto cabalista do século XIII) iniciar a criação mesma.

A essência da *Bet* guarda em si qualidades particulares relacionadas ao mundo do manifesto, do criado, o espaço matriz. *Bet* é *BaIT* (בַּיִת), a ‘casa’. Nossa *Bet* representa o mundo criado, ‘a grande casa’, o receptáculo onde aconteceram os eventos.

O que nos diz, também, a informação numérica? *Bet* é o número dois. O número da dualidade, da polaridade, da relação positivo-negativo, masculi-

no-feminino, espírito-matéria, céu-terra etc. Esta é a informação que a ‘grande *Bet*’ (o ‘grande dois’) nos traz. Disse Rudolf Steiner:⁶

No ocultismo ao dois se relaciona a manifestação. Enquanto que com o número um ainda nos encontramos tateando bastante, com o dois, por assim dizer, começamos a pisar em terra firme. Quando dizemos que o dois é o número da manifestação, isto significa que tudo o que se nos apresenta no mundo, tudo aquilo que não está de algum modo resguardado, mas que se manifesta no mundo, de algum modo está dentro do dois.

Observando estas qualidades da letra que inicia o relato da criação e que nos posiciona no mundo do manifesto, é válido que nos perguntemos: por que a *Bet*, segunda letra do alfabeto, e representante do dois, é a que inicia o texto? Os estudiosos responderam na antiguidade dizendo: se a *Bet* é a que inicia o relato do manifesto, deve ter existido algo pré-manifestação, algo prévio ao criado, e que, por consequência deu origem ao criado. E isto se pode inferir, estará representado pela primeira letra do alfabeto, por *Alef*.

Alef (א), representante do um, da totalidade, da unidade prévia à dualidade, do indivisível, é, em nosso contexto, a energia primordial, o espírito primigênio. “Com o número um no ocultismo sempre se caracterizou a indivisibilidade de Deus no Universo”.⁶ *Alef* engendra *Bet*, a antecede, e a transcende no espaço-temporal. Da unidade primordial surgiu a dualidade.

Aqui nos encontramos com um primeiro arquétipo criador original: a criação um-dois, unidade-dualidade, não criado-criado, indivisível-divisível, universo-diverso. Inicia-se aqui um dinamismo criador, que traz uma nova ordem, aquilo no qual se estabeleceu um vínculo indissolúvel entre ambas as letras. Não mais cada uma por separado, mas ambas formando uma interação dinâmica. Um aparente antagonismo, que por sua vez, é força de atração, pois a unidade deu lugar à dualidade, e a dualidade será o novo caminho para reconquistar a unidade original.

Porém, *Alef-Bet* nos remete à origem mesmo da língua, pois sabemos que o alfabeto surge da união de alfa e beta, correspondências em grego das hebraicas *Alef-Bet*. Este vibrante e dinâmico arquétipo, força criadora original no qual a unidade e a dualidade se vinculam dialeticamente, gera, por si mesmo, a possibilidade de dar significado, de nominar, de simbolizar tudo o que existe. Como força ordenadora, o alfabeto é impulso e ordem para o criado.

O idioma hebreu guarda estes segredos em sua morfologia. A Bíblia, em seu idioma original, é testemunho escrito de um devir ontológico que está ali prestes a ser reconquistado: com apenas esta primeira letra de seu primeiro livro (*Gênesis*), *Bet*, à qual agregamos a letra que foi a origem primordial, *Alef*, podemos formar uma nova palavra, pois a união de *Alef* e *Bet* forma a palavra *AB* (אב), cuja tradução é ‘pai’.

Como um grande título que antecipa a origem, a força primordial, o impulso criador, que por sua vez é nova ordem, alcançamos o modelo arquetípico unidade-dualidade, ordenador da palavra através do alfabeto e ligação indissolúvel com nosso Pai.

A SEGUNDA LETRA

Com *Bet* conhecemos o início do caminho. A informação que nos deu traz a segurança de que nesse início está a presença do Pai. Sustentados por Ele, podemos dar nossos primeiros passos.



Figura 2. *Bet-Reish*.

Nossa rota se constrói ‘letra por letra’, então vamos agregar *Reish* (ר), segunda letra que aparece no texto sagrado (Fig. 2). *Bet-Reish* (בר) formam uma palavra pronunciada ‘bar’, que se traduz como ‘filho’. Se o pai está na origem, o filho aparece como seu natural continuador. *AB-BaR*, pai-filho. A segunda letra já nos dá a possibilidade de vislumbrar esta relação. Encontramos o Pai presente (em seu aspecto *Alef*) antes de tudo existir, e por sua vez, autodualizando-se (até *Bet*) para que o mundo fosse possível. O filho (*BaR*) chega de maneira natural, com a letra *Reish*, afirmando que uma poderosa relação se estabeleceu como ponto de partida.

BaR nos dá a possibilidade de ampliar sua própria imagem, pois a mesma palavra pode ser traduzida como ‘grão de trigo’.⁷ Ser ‘filho’ é ser ‘grão de trigo’, o devir evolutivo, autotransformação, metamorfose, desde a semente que espera latente seu desenvolvimento até a espiga em seu máximo esplendor, após ter vencido as forças terrestres, saído da obscuridade até a luz, germinando e brotando, para mais tarde voltar a ser semente na terra, e assim renovar, retransformar o ciclo.

Porém há algo mais nestas letras que nos pode completar a imagem: invertendo a ordem das mesmas, *BaR* (*Bet*, *Reish*) se converte em *RaB* (רב) (*Reish*,

Bet), que se traduz como ‘mestre’. *Moshé Rab-beinu*, Moisés nosso mestre – chamam os hebreus a quem lhes entregou a sabedoria divina (Torá). *Rab-boni*, meu mestre – dirá Maria a Jesus (João 20:16).

Assim chegamos ao filho-grão de trigo-mestre, com nossa segunda letra do Gênesis. Sua morfologia numérica também nos revela um mistério. O valor de *Bet* é dois e o da *Reish* é duzentos. *Bet, Reish (BaR)*, o ‘filho’, solitário, soma quatro ($2:200 = 202 = 2 + 0 + 2 = 4$). Ao estabelecer e nos revincular com nossa origem primordial, agregando *Alef* no início, ao não criado, restabelecemos o ritmo do vivente: 1:4. Esta é a relação arquetípica da vida, manifestada pela proporção entre ritmo respiratório (18 por minuto) e ritmo circulatório (72 por minuto) no ser humano ($18:72 = 1:4$).⁸

Voltaremos a nos encontrar com o ‘filho’ mais adiante.

A TERCEIRA LETRA

Se com a primeira e a segunda letra, conhecemos o pai e o filho, filiação descendente, a terceira letra, nossa conhecida *Alef*, aparece na Bíblia. O um, a unidade indissolúvel completa esta composição trilitera (Fig. 3).

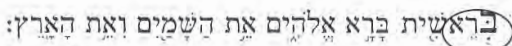


Figura 3. As três primeiras letras.

Bet, Reish, Alef (ברא), *BaRÁ*, juntas formam a raiz do verbo ‘criar’. Trata-se de três letras que formam uma nova unidade. O trinitário tem esta qualidade. Ao superar a dualidade, podemos chegar a uma nova unidade.

Porém vejamos sua morfologia numérica: *Bet, Reish, Alef* é equivalente a 2:200:1. Vimos o dois e o que ele representa. O dois é continuado pelo duzentos, que leva o dois a uma expressão multiplicada, elevada ao nível das centenas, o qual implica na máxima possibilidade do dois (no sistema de letras-números hebreus). Logo aparece o um, que nos lembra da origem.⁵

Chegamos, com esta terceira letra, à palavra que nos mostra a finalidade da criação: o retorno à unidade original. Criar com sentido espiritual. Sem o um no final da palavra, a criação poderia ser uma multiplicação no mundo do manifesto (o mundo da dualidade), em si mesma. A criação contida no Gênesis, não é uma criação na matéria, pela matéria mesma.

AS TRÊS PRIMEIRAS LETRAS DO EVANGELHO DE JOÃO

O Evangelho de João inicia seu desenrolar com as palavras “No princípio era o Verbo”. Se vemos a estrutura desta poderosa frase, declaração máxima do poder criador da palavra, vamos nos encontrar com que ‘no princípio’ é expresso no Evangelho hebreu como *BeRESHIT*, igual ao Gênesis (Fig. 4). Suas três primeiras letras serão, então, as mesmas de nossa análise, reafirmando-a e enriquecendo-a.⁹



Figura 4. Texto do Evangelho de João (1:1), em hebreu: “No princípio era o Verbo, e o Verbo era com Deus, e o Verbo era Deus. Este era no princípio com Deus.” Pode se observar a palavra inicial, que é a mesma do início do Gênesis (*BeRESHIT*).

AS TRÊS PRIMEIRAS LETRAS NO FEITO CENTRAL DA HISTÓRIA DA HUMANIDADE

A crucificação de Jesus de Nazaré, com sua consequente morte e ressurreição, é decidida, seguindo o relato histórico que os Evangelhos fazem do fato, em direta relação com a aparição de um personagem, Barrabás, que o povo escolhe liberar, enquanto que Jesus passa a ser condenado.

Vejamos os versículos que, nos quatro Evangelhos, descrevem esse fato.⁹ “Qual dos dois vocês querem que eu solte? E eles disseram: Barrabás” (Mateus 27:21-22). “Mas os príncipes dos sacerdotes incitaram a multidão para que soltasse antes Barrabás” (Marcos 15:11). “Toda a multidão começou a gritar: ‘Mate este e solte Barrabás!’ Barrabás havia sido preso por causa de uma revolta feita na cidade, e por homicídio” (Lucas 23:18-19). “Contudo, existe um costume entre vocês: que eu lhes solte alguém na Páscoa. Querem, pois, que eu solte o rei dos judeus? Então eles começaram a gritar de novo: ‘Ele não, solte Barrabás’. E Barrabás era um ladrão” (João 18: 39-40).

Sabemos que isso aconteceu na Palestina, onde o povo falava hebraico e aramaico. Os nomes eram, obviamente, nestes idiomas. Seguindo nossa linha de estudo, analisemos a conformação deste nome, traduzido como ‘Barrabás’ (Fig. 5).

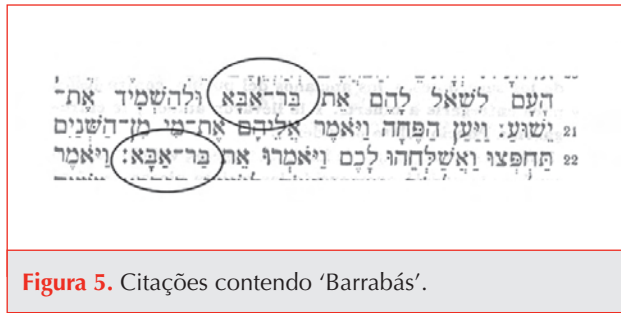


Figura 5. Citações contendo 'Barrabás'.

As letras desse nome são as três letras que vimos neste artigo: as primeiras três do texto bíblico: *Bet, Reish, Alef*. Também poderemos reconhecer as palavras separadas por um traço. 'BaR-ABA' seria sua pronúncia. Seu significado podemos inferir: 'filho do pai' (sendo ABA uma forma habitual de se referir ao pai, cujo núcleo já vimos, é AB).

Momentos prévios ao acontecimento que transformara definitivamente o curso espiritual da história da humanidade é liberado BaR-ABA, o 'filho do pai'. A divindade feita homem, Jesus Cristo, o 'Filho do Pai' (ambos com maiúsculas), realiza seu máximo sacrifício. No contexto de nosso estudo, as letras nos mostram uma inversão (Fig. 6).

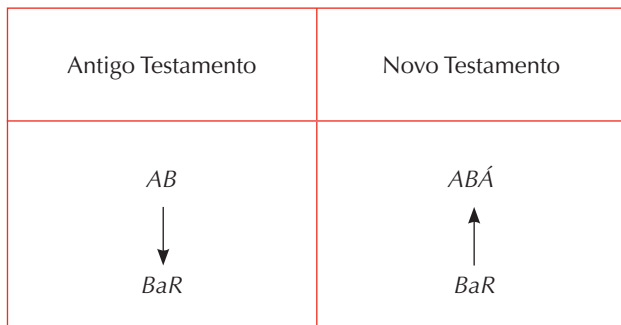


Figura 6. AB-BaR (pai-filho) indica a filiação descendente: do pai surge o filho. BaR-ABA (filho-pai) indica a filiação ascendente: o filho se dirige ao pai.

O estudo hieroglífico, neste caso, nos permite observar uma mudança de sentido, entre um e outro testamento: do espírito à matéria é o sentido que transmite o Antigo Testamento. Da matéria ao espírito é a potencialidade que aparece a partir da superação da morte por parte de Jesus de Nazaré. A humanidade toda, representada aqui pelo 'filho do Pai' (BaR-ABA), fica liberada para realizar este caminho.

A BÍBLIA E A COSMOVISÃO ANTROPOSÓFICA

Rudolf Steiner dedicou numerosas conferências ao desenvolvimento da visão espiritual dos livros do Antigo e do Novo Testamento. O devir evolutivo da Terra, do Universo e do ser humano são compreendidos à luz da ciência espiritual antroposófica, contextualizando-os em um processo de metamorfose evolutiva da humanidade e do planeta. Desde o Gênesis ao Apocalipse, passando por cada um dos Evangelhos, mereceram um ciclo de conferências por parte de Rudolf Steiner. É indispensável, para os fins de este artigo, situar-nos temporalmente na época histórica em que surgiram estes textos, pois uma leitura global da Bíblia pode nos dar uma visão biográfica da humanidade.

O Antigo Testamento, cujo núcleo central é denominado Torá ou Pentateuco, foi legado a Moisés (iniciado nos mistérios egípcios) na terceira época cultural pós-atlante (2907 – 747 a.C.) e nos permite acompanhar a encarnação da humanidade na Terra. Um processo de progressiva densificação do homem, desde Adão (pura substância espiritual) em diante, é ali descrito. A Terra, em paralelo, vive o mesmo devir encarnatório. Neste processo, o eu do ser humano, seu ser espiritual, percorre o dito caminho de conquista progressiva da substancialidade material.

O Novo Testamento é legado na quarta época cultural pós-atlante (747 a.C. – 1413 d.C.). Os quatro Evangelhos se unificam no seguinte feito: o processo encarnatório chega ao seu ponto máximo de individualização ("o Verbo se faz carne"). Com a morte e ressurreição de Jesus Cristo, a humanidade e a Terra invertem seu sentido encarnatório, e como a brecha sutil que existe entre inspiração e expiração, entre sístole e diástole, começa o processo encarnatório.

Atualmente estamos na quinta época pós-atlante (1413 – 3573), época do número cinco. Desenvolvemos no artigo Do Gênesis à salutogênese⁸ o significado bíblico do número cinco e sua relação com os mistérios de Pentecostes. Rudolf Steiner, em suas investigações espirituais, revelou em um ciclo de conferências o denominado Quinto Evangelho:¹⁰ "são as necessidades de nosso tempo as que exigem falar do Quinto Evangelho", disse esclarecendo assim que o referido texto não é apenas um conteúdo histórico-teórico, mas que atende um aporte à realidade da época atual da humanidade. O sentido evolutivo desta época segue uma direção desde o material até o espiritual – sentido excarnatório. O ser humano se dirige conscientemente

de seu eu ao divino. Na quinta conferência desse ciclo, Steiner traduziu este devir em palavras de Jesus Cristo: “Tenho que ensinar a humanidade, não como os deuses conduziram o homem do espiritual à Terra, mas como ele tem que encontrar o caminho da Terra ao espírito”.

A BÍBLIA COMO ‘TRATADO DE SALUTOGÊNESE’ NA ÉPOCA ATUAL

Aarón Antonovsky (1923 – 1994), médico e sociólogo americano-israelense, acunhou o termo ‘salutogênese’ argumentando: “(...) não por casualidade, nosso vocabulário não tem palavras para expressar as origens da saúde. Isto me levou a moldar o neologismo salutogênese”.¹¹ Este novo paradigma proposto surgiu como uma necessidade urgente de inverter o sentido de uma medicina que cada vez se ancora mais nas profundidades da matéria. Em sua crítica ao denominado paradigma patogênico reinante na medicina, o mesmo autor disse:

A instituição social da medicina, incluindo a psiquiatria, está organizada em torno da identificação da enfermidade e da aplicação de ferramentas químicas, físicas ou cirúrgicas para reparar ou minimizar o dano ao organismo produzido por o patógeno. A investigação está dirigida a investigar os patógenos e a lograr sua eliminação (...). Este é um paradigma que enfatiza a pessoa individual, o corpo material, as inter-relações mecânicas entre as partes do corpo, e a alegre presunção de que a maior parte do tempo, para a maioria de nós, a maquinaria não se decompõe (...). Eu sugeriria que é um paradigma compatível com o modo de produção industrial, ou seja, de livre mercado ou de planificação centralizada, que dominou o mundo desenvolvido”.¹¹

A salutogênese é um impulso para que repensemos e nos reposicionemos frente a todos os conceitos que têm levado não só a medicina, mas todas as esferas da sociedade ocidental, incluindo a ciência, a arte, a educação, a religião, a economia etc., a uma situação extrema de ruptura e afastamento daquilo que faz o verdadeiramente humano.

Inverter o sentido materialista da medicina é permitir-lhe que ressurgir revestida de conteúdos espirituais, em sintonia com leis universais e arquetípicas, em harmonia com os dons que a natureza tem ao seu redor, em contemplação e compreensão de um ser humano com qualidades anímicas próprias, capaz de se autotransformar a partir do culti-

vo de seu pensar, seu sentir e seu querer, possuidor de forças curativas intrínsecas; enfim, à maneira de uma dinamização homeopática ou antroposófica, que permitem vivificar ritmicamente a substância, mesmo a inerte, percorrer o caminho de progressiva espiritualização da matéria. Dinamizar, imprimir-lhe ritmo, vivificar a palavra escrita, neste caso em um texto sagrado, é o caminho que tentamos trilhar com este artigo, articulando a velha sabedoria bíblica com os conhecimentos da ciência espiritual antroposófica, iluminando a embrionária trilha da salutogênese, ciência ainda em desenvolvimento.

Uma releitura salutogênica de nosso estudo nos permitirá corroborar a perfeita harmonia que está por trás da aparência da palavra. A essência das letras originais constrói a ponte:

- A primeira letra nos permite religarmos com nossa origem. De *Alef* até *Bet* formamos *AB*, o verbo-criador, representado pelo ‘alfabeto-pai’. Nós nos aproximamos através do pensamento.

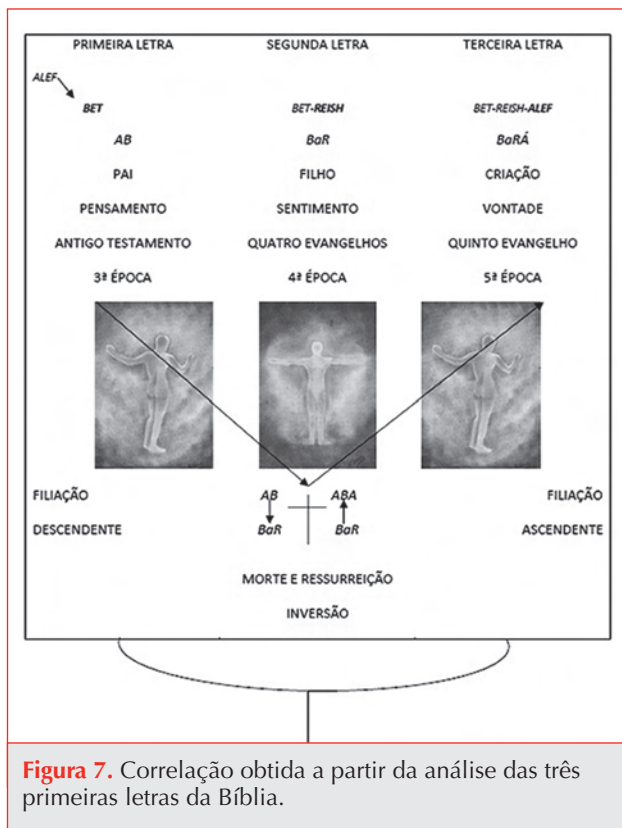
- A adição da segunda letra nos dá a certeza de sermos filhos, *BaR*, filiação divina imanente, ‘coordenada vertical’, devir evolutivo manifestado no ‘grão de trigo’. Somos, também, iguais como irmãos. A humanidade inteira é filha do mesmo Pai. A prescrição da oração *AB-BiNU* (‘Pai nosso’) nos aporta a ‘coordenada horizontal’. O encontro entre ambas coordenadas, na cruz, é nosso centro rítmico, sede do sentimento.

- Finalmente, com o agregado da terceira letra, nós nos aproximamos do sentido da criação divina, guia para a vontade do ser humano. A criação *BaRÁ* (2:200:1), orientada ao um, ao espiritual, nos mostra em germen, a missão do homem para a atual quinta época. A soma de seus componentes nos confirma: $2 + 200 + 1 = 203 = 2 + 0 + 3 = 5$.

A Figura 7 traz um sumário do exposto até aqui.

Diversos caminhos do pensar podem nos aproximar dos arquétipos criadores, e nos recordar o sagrado que recebemos como legado. Nosso sentir, em seu próprio espaço interior, e em sucessivas mortes e ressurreições, se fortalecerá permitindo ressurgir em calórico movimento a nossa vontade, de sua potencialidade de transformar a matéria, vivificá-la artisticamente, espiritualizá-la. Este dinamismo salutogênico orienta assim seu sentido para as necessidades de nosso tempo: a responsabilidade no cuidado da infância, o compromisso na busca da paz, o respeito e cura do planeta, a criação de novos caminhos para a saúde, a materialização de novas formas fraternas no institucional e no econômico – desde o individual até o social, do hereditário até o comunitário, desde aquilo que recebemos até aquilo que podemos dar.

Este é o epílogo natural de nosso ‘tratado de salutogênese’.



Declaração de conflito de interesses

Sem conflito de interesses.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. D’Olivet F. La Lengua hebraica restituida. Introducción. Barcelona: Humanitas; 2007.
2. Steiner R. El hombre, sinfonía de la palabra creadora. Buenos Aires: Kier; 1998.
3. Steiner R. Euritmia como canto visível. São Paulo: Antroposófica; 2012.
4. Torat Emet. Buenos Aires: Keter Tora; 2008.
5. Weinreb F. Kabbala. La Bíblia, divino proyecto del mundo. Buenos Aires: Sigal; 1991.
6. Steiner R. Símbolos y números ocultos. Buenos Aires: Antroposófica; 2007.
7. Cohen-Fernandez A. Nuevo diccionario hebreo-español. Buenos Aires: Sigal; 1978.
8. Grines SA. Do Gênesis à salutogênese. Arte Méd Ampl. 2010; 30(1): 21-6.
9. Hebrew-Spanish Bible. Nuevo Pacto Hebreo-Español. Bungay, Suffolk. Great Britain. The Society for Distributing Hebrew Scriptures; 1990.
10. Steiner R. El quinto evangelio. Buenos Aires: Kier; 2003.
11. Antonovsky A. Studying health vs. studying disease. Lecture at the Congress for Clinical Psychology and Psychotherapy. Berlin, 1990 [citado 2009 Jul 01]. Disponível em: <http://www.angelfire.com/ok/soc/aberlim.html>

Avaliação: Editor e dois revisores do conselho editorial

Recebido em 26/01/2013

Aceito em 01/03/2013